



Universidade de Brasília – UnB
Decanato de Ensino de Graduação
Universidade Aberta do Brasil - UAB
Instituto de Artes - IDA
Departamento de Música
Curso de Licenciatura em Música à Distância

**OFICINA DE VIOLÃO NO PROGRAMA MAIS EDUCAÇÃO: O
ENVOLVIMENTO DE TRÊS ALUNOS DE UMA ESCOLA REGULAR DE
IPATINGA - MG.**

Enner Jefferson Dias Pereira

Ipatinga MG.

2014

Enner Jefferson Dias Pereira

**OFICINA DE VIOLÃO NO PROGRAMA MAIS EDUCAÇÃO: O
ENVOLVIMENTO DE TRÊS ALUNOS DE UMA ESCOLA REGULAR DE
IPATINGA - MG.**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito obrigatório
para a obtenção do título de Licenciado em
Música na Universidade de Brasília - UnB.

Orientador: Ma. Cassiana Zamith Vilela.

Ipatinga MG

2014

*Dedico este trabalho a minha esposa Eliane dos Santos e a meus filhos Desiree Meire,
Enner Jefferson Jr., Ana Sofia.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a JAVÉ na pessoa de seu filho JESUS CRISTO o verbo encarnado, pelo dom da vida e por nos outorgar seu SANTO ESPÍRITO que me iluminando, capacitou-me a concluir esta obra. Agradeço a meu pai Eudes Matos (in memoriam) e minha mãe Ana Inácia (in memoriam), pois desde a mais tenra idade me ensinaram “as sagradas letras” me despertando buscar conhecer primeiramente a Deus, princípio de toda sabedoria, e as demais coisas. A minha amada esposa Eliane dos Santos pelo cuidado, carinho, compreensão e acima de tudo incentivo. Aos meus irmãos Carlos, Eliane e Jane por acreditarem e me incentivarem nesta jornada. Agradeço a meus companheiros de trabalho e a meus alunos da Escola de Música Pereira Mello que foram solidários nestes anos de estudos. A todos os professores e tutores da UnB que exigiram excelência acadêmica mais com compreensão e humanismo. Agradeço em especial a minha orientadora professora Cassiana Zamith, pela franqueza, clareza e compreensão, e acima de tudo por me levar a pensar criticamente sobre tudo que envolvia meu trabalho, sendo possível desta forma concluir satisfatoriamente a pesquisa.

Se você buscar a verdade poderá encontrar conforto no fim, se buscar conforto não o encontrará, e tampouco a verdade, mas apenas bajulação e ilusões no começo e desespero no fim.
C. S. Lewis.

Resumo: O presente trabalho teve como objetivo investigar o envolvimento dos alunos nas oficinas de violão do programa Mais Educação de uma escola regular de Ipatinga MG. Os objetivos específicos foram: conhecer as experiências prévias dos alunos com a música e o violão; compreender as percepções dos alunos com relação as suas vivências na oficina de violão; analisar como as vivências na oficina interferem na relação do aluno com a música. O trabalho foca no ensino em um contexto coletivo, abordando a motivação para aprender música. A revisão bibliográfica traz autores como Vilela, (2009); Condessa (2011); Tourinho (2002); Santos (2008); Issacaba (2010) e Rodrigues (2007). A pesquisa teve uma abordagem qualitativa de caráter descritivo, com enfoque indutivo, sendo que os dados foram obtidos através de entrevista semi-estruturada. Através da análise dos dados concluí que as experiências prévias foram importantes para que os alunos entrevistados mantivessem uma relação profícua dentro da oficina. Foi possível perceber que os alunos não demonstravam priorizar o grupo, mas realizavam as atividades de forma entusiasmada, demonstrando interesse na oficina, o que justifica o envolvimento dos mesmos. Os alunos demonstram preferir as aulas coletivas na atual conjuntura, mas expressam o desejo de no futuro poderem ter aulas individuais.

Palavras-chave: Motivação para aprender música, Ensino coletivo de violão, oficinas do Programa Mais Educação.

Abstract: The present study aimed to investigate the involvement of students in guitar's workshop of the project Mais Educação from a regular school in Ipatinga MG. It also aimed to know the students' previous experiences with music and guitar; Understand the perceptions of students regarding their experiences in the guitar's workshop; Analyze how the experience in the workshop affect the relationship of the student with the music. The work focuses on teaching musical learning in the collective context, addressing superficially the motivation. To support the work that I performed I did a literature review using as main authors Vilela (2009); Countess (2011); Tourinho (2002); Santos (2008); Issacaba (2010); Rodrigues (2007). The research had a qualitative approach of descriptive character with inductive focus. Data were collected through semi-structured interviews. Through data analysis and in dialogue with theoretical reference concluded that previous experiences were important for students to maintain a fruitful relationship respondents within the workshop. I also noticed that students did not demonstrate prioritize the group, but performed the activities enthusiastically, showing interest in the workshop, which justifies their own involvement with the activity. Students who may have an intrinsic motivation demonstrate preferences for group lessons at this point, but the desire of having individualized lessons in the future.

Keywords: Motivation to learn music, collective teaching guitar, workshops Mais Educação.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	12
2.1	Atividades de música na escola regular.....	12
2.2	Aulas coletivas de Violão	13
2.3	O envolvimento dos alunos com sua aprendizagem:	15
2.3.1	<i>Esforço (custo)</i>	17
3	METODOLOGIA	19
3.1	Abordagem da pesquisa	19
3.2	Técnica de coleta de dados	19
3.3	Critérios de seleção dos sujeitos	20
3.4	Procedimentos de coleta	20
4	ENVOLVIMENTO DOS ALUNOS COM A OFICINA DE VIOLÃO.	22
4.1	Experiências prévias dos alunos	22
4.2	Envolvimento com as práticas musicais dentro e fora da oficina e expectativas futuras:	24
4.2.1	<i>Envolvimento com as práticas musicais da oficina:</i>	24
4.2.2	<i>Envolvimento com as práticas musicais fora da oficina e expectativas futuras:</i>	26
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS:	29
6	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:	31

1 INTRODUÇÃO

Nos últimos anos venho desenvolvendo a prática do ensino individual em escolas de música focando especificamente na execução e no domínio da leitura musical. Como obtinha bons resultados recebendo alunos motivados a se desenvolverem exclusivamente nestas áreas, não tive a oportunidade de entrar em contato com outras práticas pedagógicas na área do ensino do violão. Cursando a Licenciatura em Música à Distância na Universidade de Brasília, pude entrar em contato com teorias de ensino e aprendizagem que ampliaram minha visão quanto à Educação Musical. Da mesma forma através das práticas pedagógicas nos Estágios Curriculares, pude observar a receptividade e o desenvolvimento dos alunos no ensino coletivo de violão. Senti-me então atraído por conhecer o envolvimento dos alunos por essa modalidade de ensino.

A literatura de Educação Musical tem cada vez mais se voltado para esse tema, sendo que autores como Tourinho (2009) têm apontado aspectos positivos a respeito dessa modalidade para o ensino do violão. Já Santiago (1995) demonstra a viabilidade e as vantagens do ensino coletivo de piano enquanto Barbosa (1996) aborda uma educação musical através da música instrumental, contemplando instrumentos de sopro, cordas e percussão.

Nos últimos anos observa-se o interesse de gestores e pedagogos pela inclusão da música na escola através da disciplina de Artes, outras disciplinas do currículo ou através de projetos que ampliem a carga horária dos alunos nas escolas. A Escola de Tempo Integral, fomentado pelo Ministério da Educação, através do Programa Mais Educação, amplia na escola pública, estadual e/ou municipal a jornada escolar para no mínimo 07 horas diárias. Esse programa provê a escola de atividades extracurriculares, segundo o decreto nº 7.083, de 27 de janeiro de 2010, com a finalidade de “contribuir com a aprendizagem”, oferecendo atividades de “experimentação e investigação científica, cultura e artes, esporte e lazer, cultura digital, educação econômica, comunicação e uso de mídias, meio ambiente, direitos humanos, práticas de prevenção aos agravos da saúde, entre outras”. (BRASIL, 2010).

A área de Música está representada nesse projeto através de oficinas coletivas que englobam os instrumentos de percussão, sopro, cordas e canto. Essas atividades estão presentes na maioria das escolas participantes, sendo que cabe às mesmas escolher

qual oficina oferecer de acordo com a disponibilidade de mão de obra, espaço físico e dos instrumentos musicais. Esses instrumentos musicais estão previstos no manual operacional do programa, disponível a todos os gestores das escolas participantes, e que serão adquiridos via financiamento direto.

Ipatinga é uma cidade de aproximadamente 250 mil habitantes, localizada a 200 km da capital mineira Belo Horizonte, representando a sexta economia de Minas Gerais. Participam do Programa Mais Educação 24 das 37 unidades escolares mantidas pelo município, sendo que todas ofertam o ensino de música, contemplando uma ou mais das modalidades disponíveis.

Os cursos organizados em forma de oficinas são conduzidos por tutores que no programa são chamados deicineiros, um prestador de serviço voluntário amparado pela lei nº 9.609, 18 de janeiro de 1988 geralmente sem formação superior, mas reconhecidos na cidade por desenvolvem atividades musicais e já lecionarem em escolas específicas. Estes profissionais trabalham com alunos de diversas faixas etárias, alunos que em Ipatinga participam de forma compulsória de todas as oficinas que o gestor da unidade estabeleceu. O número de alunos por turma é em torno de 35 alunos.

Em minha revisão bibliográfica pude constatar que o ensino coletivo de instrumentos é uma prática já comum em muitas escolas e instituições, sendo que em alguns dos trabalhos pesquisados pude conhecer sobre a prática de ensino coletivo de violão em diferentes contextos. No trabalho de Rodrigues (2007) pude conhecer sobre um contexto informal de ensino onde amigos, pares, pais, parentes, recursos tecnológicos e materiais impressos, possibilitavam aos alunos se desenvolverem. Já Issicaba (2010) demonstra que o ensino coletivo de violão em estágios iniciais tem sido uma forma de se implementar essa modalidade de ensino inclusive em escolas específicas.

Abordei também em minha revisão trabalhos que tratam da motivação para aprender música, sendo que os mesmos colaboraram para o entendimento do envolvimento dos alunos nas oficinas do Mais Educação. Através das pesquisas de Vilela (2009), Condessa (2011) e Pizzato; Hentschke (2010) pude compreender que a motivação é “um processo dinâmico desencadeado por fatores externos e internos” (Austin; Renwick; McPherson, 2006 apud VILELA, 2009, p. 18). Através dessas leituras pude compreender que a motivação influencia nas escolhas, no interesse e no envolvimento dos alunos. A partir da revisão de literatura, pude formular alguns questionamentos que direcionaram minha pesquisa. Quais as influências e as práticas

que despertam o envolvimento dos alunos? Quais foram as experiências prévias que influenciaram a escolha em participar da oficina? Quais expectativas futuras esses alunos tem com sua prática musical? A prática musical dos alunos existe para além da oficina? Se sim, como?

A partir destes questionamentos iniciais estabeleci meu objetivo geral que é investigar o envolvimento dos alunos nas oficinas de violão do projeto Mais Educação de uma escola regular de Ipatinga MG. Como objetivos específicos estabeleci: conhecer as experiências prévias dos alunos com a música e o Violão; compreender as percepções dos alunos com relação as suas vivências na oficina de violão; conhecer as expectativas futuras dos alunos com relação à sua prática e aprendizagem musical.

Sabendo da possibilidade de se ensinar música através de ensino coletivo de violão, um instrumento muito popular e de um custo relativamente baixo, acessível a um grande número de alunos, propus a presente pesquisa que em dialogo com pesquisas anteriores, focando na perspectiva do aluno, contribuindo assim para uma visão ampliada desta abordagem, dando subsídio para a implantação desta atividade coletiva nos ambientes da escola regular, bem como contribuir para as práticas de futuros professores e em pesquisas posteriores.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1 Atividades de música na escola regular

Em 20 de dezembro de 1996, com a promulgação da nova constituição é sancionada a nova lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira e a partir de então “as linguagens passam a ser consideradas em sua especificidade” (SILVA, 2012, p 06), propiciando neste período o estabelecimento dos parâmetros curriculares firmados em três pilares: produção, apreciação e reflexão, visando garantir uma fundamentação teórica comum para a Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio. Segundo Santana (2012)

Após garantir sua presença oficial no currículo, tendo como designação o termo arte e como complemento as linguagens das artes visuais, da dança, da música e do teatro, esta área passou a integrar os projetos pedagógicos de escolas públicas e particulares (SANTANA, 2012, p. 98).

Esta foi apenas uma das mudanças que o ensino da arte/música sofreu ao longo de sua história ao ser integrada ao currículo da educação brasileira. Penna (2003) nos alerta que os textos das leis e documentos que regem o ensino de Arte/ Música neste país, continham indefinições e ambiguidades, o que, entre outros fatores não colabora com a efetivação do ensino da música nas escolas.

O ensino de Arte/Música sofre mais uma alteração com a promulgação de Lei nº 11.769/2008 quando essa altera o artigo 26 da Lei nº 9.394/96 e estabelece que “a música é conteúdo obrigatório, porém não exclusivo do ensino da arte na educação básica” (BRASIL, 2008). Porém, como afirma Santana (2012) “as escolas não conseguem qualificar o ensino das linguagens artísticas nem cumprem as exigências postas pela letra da lei”, pois “neste sentido, interfere-se que a conjuntura atual agravou o panorama esboçado para a arte/educação.” (SANTANA, 2012, p. 98).

Independente de como oficialmente se estabelece o ensino da música na atualidade, Vilela (2009, p. 32) afirma que “nem sempre a música, no contexto escolar, está associada a uma área de conhecimento (...) ela pode estar presente em outras atividades escolares ou no cotidiano da própria escola (...)”. Nesta linha de pensamento é que identificamos as oficinas de música disponibilizadas na escola através do Programa Mais Educação, como coloca o decreto nº 7.083, de 27 de janeiro de 2010:

Art. 1º O Programa Mais Educação tem por finalidade contribuir para a melhoria da aprendizagem por meio da ampliação do tempo de permanência de crianças, adolescentes e jovens matriculados em escola pública, mediante oferta de educação básica em tempo integral. § 2º A jornada escolar diária será ampliada com o desenvolvimento das atividades

de acompanhamento pedagógico, experimentação e investigação científica, cultura e artes, esporte e lazer, cultura digital, educação econômica, comunicação e uso de mídias, meio ambiente, direitos humanos, práticas de prevenção aos agravos à saúde, promoção da saúde e da alimentação saudável, entre outras atividades. .

Art. 2º São princípios da educação integral, no âmbito do Programa Mais Educação:

I - a articulação das disciplinas curriculares com diferentes campos de conhecimento e práticas socioculturais citadas no § 2º do art. 1º, sendo assim um programa que integra atividades contraturno, para os alunos da escola, na escola ou em instituições parceiras, vinculadas a esta e sob sua orientação, contempla múltiplas atividades optativas, dentre elas cultura e artes, Banda Fanfarra, Canto Coral, Capoeira, Cineclube, Danças, Desenho, Ensino Coletivo de Cordas, Escultura, Flauta Doce, Grafite, Hip-Hop, Leitura, Mosaico, Percussão, Pintura, Práticas Circenses, Teatro (BRASIL, 2010).

A proposta de uma educação em tempo integral é muito clara no Programa Mais Educação, proposta esta que segundo Pires; Dalben (2013, p. 111) “é válido como uma estratégia provisória para efetivar a expansão da jornada escolar”, mas alertam que, “para implantar escolas de tempo integral, faz-se necessário tomar como base a expansão dos quadros docentes das redes públicas.” Esse caráter provisório talvez explique a adoção de instrutores voluntários, dado a falta de docentes habilitado para ministrar as oficinas do programa.

2.2 Aulas coletivas de Violão

O violão um instrumento popular, arraigado na sociedade brasileira, presente em festas, manifestações folclóricas, eventos religiosos, sendo o primeiro instrumento de muitos ao iniciarem seus estudos musicais, e que por sua presença constante, promove inúmeras situações de aprendizagens.

Uma das modalidades de que tem se desenvolvido amplamente dentro da área do ensino do violão é o ensino coletivo. Segundo Issacaba (2010) o ensino coletivo é uma prática pedagógica aplicada a vários instrumentos musicais e que vem alcançando grande desenvolvimento pedagógico, aplicado ao ensino instrumental em fases iniciais. Cruvinel (2004 apud TEIXEIRA, 2008, p. 08) corrobora com esta afirmação ao citar aulas do ensino coletivo em todo país, tais como: Aulas de piano (Alda de Oliveira e Diana Santiago) e violão (Cristina Tourinho) na UFBA; em Belo horizonte, aulas de Cello (Abel Moraes); Santa Maria-RS, aulas de violão (Marcos Corrêa); Brasília, aulas de piano (Maria Isabel Montadom e Maria Inês) e em Goiânia, aulas de violão e cordas friccionadas (Flávia Maria Cruvinel).

Com a finalidade de indicar os possíveis locais de aplicação de práticas coletivas de instrumentos Teixeira (2008) indica que o educador musical deve assumir o papel de agente formador e transformador da sociedade, propondo e viabilizando políticas educacionais que possibilitem a inserção do ensino coletivo de instrumento musical “nas instituições de ensino formal, escolas de ensino básico e especializado e entidades de ensino não formal como as ONGs, Casas de Cultura e Projetos Sociais no sentido de defender uma escola crítica e transformadora.” (CRUVINEL, 2004, p.35 apud TEIXEIRA, 2008, p. 11).

Swanwick coloca sobre alguns benefícios da implementação do ensino coletivo:

[...] quero chamar a atenção para alguns benefícios em potencial do ensino em grupo enquanto uma estratégia valiosa no ensino de instrumentos. Para começar, fazer música em grupo nos dá infinitas possibilidades para aumentar nosso leque de experiências, incluindo aí o julgamento crítico da execução dos outros e a sensação de se apresentar em público. A música não é somente executada em um contexto social, mas é também aprendida e compreendida no mesmo contexto. (SWANWICK, 1994, s/n apud ISSACABA, 2010, p. 16).

O ensino coletivo de violão em estágios iniciais tem sido uma forma de iniciar os alunos no estudo de um instrumento, inclusive em escolas específicas. Issicaba (2010) também nos traz importantes contribuições que demonstram o porquê de tal escolha. A necessidade de comunicação do ser humano é o ponto de partida para o ensinamento coletivo, que traz vantagens e desvantagens em sua adoção. Como vantagens o autor destaca: a interação entre os alunos, o ambiente lúdico criado por esta interação, que resultam na socialização, cooperação e motivação, promovendo o desenvolvimento da afinação e do ouvido harmônico. Constata também que o desenvolvimento do repertório num grupo acontece mais rapidamente, com os alunos conseguindo ler e executar a música em menos tempo do que em aulas individuais com repertório solo. Também nesta situação de ensino o aluno passa a ser avaliado de forma mais ampla com sua atuação sendo compreendida além da performance. Outras qualidades que o ensino coletivo também pode promover foram colocadas, tais como: desinibição, cooperação, melhora da autoestima, disciplina, maior rendimento e nível baixo de desistência.

Como desvantagem Issicaba destaca: a heterogeneidade do grupo em seu nível de desenvolvimento; o tempo de utilização da metodologia do ensino coletivo; a periodicidade dos encontros. O autor chama a atenção também para desenvolvimento

musical dentro do contexto social, “pois a musica é executada, aprendida e compreendida dentro deste contexto”. O autor fala sobre o aprendizado em grupos homogêneos e heterogêneo, destacando que nesta formação o aluno pode ouvir o companheiro, perceber sua performance, vitórias e dificuldades. Nesse sentido, o iniciante ao perceber a massa sonora resultante da combinação de vários instrumentos pode ter um senso de realização e estar mais motivado a continuar seus estudos. (Issicaba, 2010, p.13-16).

Falando sobre aulas coletiva de violão, Santos (2008) demonstra que o domínio da leitura de partitura não seria uma preocupação para alunos iniciantes, dado que nesta fase os mesmos seriam incapazes de reconhecer nesta atividade um ganho necessário e interessante para sua aprendizagem (QUEIROZ, 2000, p. 45 apud SANTOS, 2008, p. 04). A autora afirma ainda que “o virtuosismo e a perfeição técnica também, não é um dos objetivos do ensino coletivo.” (SANTOS, 2008, p. 05), pois os conteúdos e exercícios devem ser pensados em conformidade com o nível e interesse dos alunos a fim de prover uma aprendizagem facilitada:

Enfim, nossa proposta de ensino-aprendizagem do violão para os alunos iniciantes tem como proposta principal fazer com que os alunos comecem a “tocar”, a partir da repetição, observação e interação mútua entre os participantes. Desenvolvendo assim, mecanismos que irão constituir a base para o contínuo desenvolvimento musical e instrumental. (SANTOS, 2008, p. 05).

2.3 O envolvimento dos alunos com sua aprendizagem:

O envolvimento dos alunos com sua aprendizagem é uma das vias por onde caminha nossa investigação e o mesmo nos leva ao conceito de motivação. Agora Defini-la não é uma tarefa muito fácil, visto as diferentes formas de se pensar tal conceito. Sob a perspectiva sociocognitiva Austin; Renwick; McPherson (2006 apud Vilela, 2009, p.18) afirmam que “a motivação é um processo dinâmico desencadeado por fatores internos e externos”. Bzuneck (2001 apud CONDESSA, 2011, p.20) “defende a motivação como algo que move uma pessoa ou a que põe em ação ou faz mudar de curso”.

É fato claro para qualquer pessoa que esteja à frente de uma turma, que alguns alunos abraçarão certas atividades se envolvendo e dando respostas favoráveis ao que é proposto, enquanto alguns se mostram distantes, desinteressados. Vilela (2009) afirma que “a motivação é vista pelos teóricos e pesquisadores como determinante de uma

aprendizagem bem-sucedida”, sendo que “um aluno motivado demonstra sua motivação por meio de suas ações, pois tenderá a realizar suas tarefas com maior qualidade, intensidade e persistência” (VILELA, 2009, p.17). Condessa (2011) afirma que “a motivação humana é um assunto estudado por diversos campos do conhecimento, principalmente nas áreas de administração, saúde psicologia e educação” (CONDESSA, 2011, p.19). Vilela (2009) focando no campo da psicologia afirma que a motivação é estudada por várias subáreas deste campo e sob a perspectiva de diferentes correntes teóricas. Estabelecerei a revisão bibliográfica através do viés da teoria sociocognitiva apresentada por Vilela (2009), sendo que

As teorias sociocognitivas partem do pressuposto de que a motivação é um processo dinâmico desencadeado por fatores internos e externos. Os fatores internos estão ligados ao autossistema (pensamentos, percepções, crenças e emoções). Os fatores externos são provenientes: do meio social (professores, pais, pares, irmãos). Das ações pessoais (comportamentos motivados como o esforço, concentração, empenho, entre outros) e dos resultados positivos ou não dessas ações (VILELA, 2009, p. 18).

Com relação aos fatores internos, O’neill (1999 apud VILELA, 2009, p.23) mostra que

A influência dos fatores internos na motivação é forte quando se trata de iniciar ou permanecer nos estudos de música. O fato de possuir ou desenvolver um interesse pessoal pela música faz com que os alunos dispensem mais esforços e dedicação na atividade musical.

Um dos fatores internos que influencia as escolhas dos alunos em iniciar alguma atividade está nas experiências prévias positivas que conseguiram estabelecer com a mesma. Como afirma Vilela (2009, p.86) “se os estudantes optaram por realizar aulas de música, provavelmente tiveram, anteriormente, experiências positivas com essa área.”. Estas experiências podem ter advindo de seu ambiente familiar ou social, especialmente por terem pessoas próximas que tocam um instrumento ou por terem algum experiência prévia que os faça sentir confiantes em executar um instrumento.

Vilela (2009) afirma que as pesquisas ainda não apontaram qual o impacto destas experiências prévias no engajamento ou motivação dos alunos no fazer musical ao longo do tempo sendo, portanto na atual conjuntura impossível afirmar que “as experiências prévias são determinantes para o sucesso da aprendizagem dos alunos ou

mesmo determinantes para manter esse aluno motivado pela aprendizagem musical ao longo dos estudos”. (VILELA, 2009, p.84)

2.3.1 *Esforço (custo)*

Outros possíveis fatores internos são os valores e a expectativa que o aluno tem sobre a atividade que realiza. Pizzato e Hentschke afirmam que “as expectativas e os valores (interesse, importância, utilidade e custo da tarefa) influenciam diretamente o desempenho e escolhas de tarefas a serem realizadas” (PIZZATO; HENTSCHE, 2010, p. 41). Isso pode vir a definir se o indivíduo realizará ou não uma atividade, bem como o seu desempenho, tempo despendido e concentração na mesma. Segundo Condessa (2011) os níveis de aprendizagem são influenciados pelo envolvimento e esforço depreendido pelos alunos ao realizarem uma tarefa. , Este esforço será elevado à medida que os alunos atribuam importância e valor a tarefa proposta. A autora ainda afirma que “os alunos valorizam mais as tarefas em que se sentem mais seguros, por terem melhor desempenho e sucesso”. (CONDESSA, 2011, p.27).

Outro aspecto que devemos observar além do custo é o construto da utilidade. Com relação ao mesmo a autora afirma que

O construto de utilidade é compreendido, no modelo de expectativa e valor, como a relação que o indivíduo estabelece entre a atividade que realiza com suas metas futuras. Assim, se um aluno decide realizar aulas de canto, existe a possibilidade de que o mesmo queira, futuramente, atuar como cantor, ou, ainda, tenha como meta utilizar o canto como forma de expressão pessoal ou de reconhecimento social. (VILELA, 2009, p.91)

Condessa (2011) nos traz mais contribuições sobre as metas futuras afirmando que “As metas, ou objetivos, possuem uma forte ligação com estas características flexíveis e também com o ambiente. Dessa forma, com base nas oportunidades e resultados da aprendizagem musical, os alunos redirecionam suas metas” (CONDESSA, 2011, p.37).

Com relação aos fatores externos Ghazali (2006 apud VILELA, 2009, p. 26) mostra que “as pesquisas, com intensidade crescente, têm demonstrado a importância dos pais na motivação dos filhos, principalmente nos estágios iniciais da aprendizagem musical”. A autora afirma ainda que alguns pais tem consciência dessa influência, enquanto outros deixam que os filhos que se interessaram pela música se desenvolvam naturalmente. Para a autora

É necessário que os pais estejam constantemente afirmando a importância dos estudos, para que seus filhos desenvolvam o hábito de estudar música. Esses resultados revelam como a qualidade do envolvimento dos pais com o aprendizado dos filhos é um fator crítico no desenvolvimento musical. (VILELA, 2009, p.26).

Este conceito é apoiado por Condessa (2011) que além dos pais elege também os outros membros da família com sendo importantes na continuidade dos estudos dos alunos. Para a autora, “a combinação das expectativas da família, da história de vida familiar, do comprometimento dos pais, do encorajamento e da interação presente na vida musical dos alunos pode ser de grande valia para uma continuidade bem sucedida” (CONDESSA, 2011, p.65).

Segundo Vilela (2009), outros fatores externos que interferem na motivação em aprender música são o meio escolar e os professores. Austin (1991 apud Vilela 2009, p. 27) relata que na expectativa de aumentar a motivação dos alunos, as escolas norte americanas se lançam em atividades competitivas, sendo que isso não provoca um aumento na motivação e sim, a prejudica.

Quanto aos professores a autora relata que “no meio escolar os professores exercem uma forte influência sobre a motivação dos alunos” (VILELA, 2009, p. 27), sendo que “a motivação do professor, suas abordagens e estratégias em sala de aula são fatores determinantes para os resultados de aprendizagem dos alunos”. (Ghazali 2006 apud VILELA, 2009. p.27).

Condessa (2011) afirma que nas séries iniciais o professor desempenha papel de grande importância na motivação dos alunos e já nos anos finais, na fase de sua adolescência é estabelecido novos vínculos, onde os alunos passam a compartilhar suas experiências. “Isso significa que o aluno passa a se perceber e se desenvolver, a partir da convivência com os pares, que é o grupo de seus amigos e colegas da mesma faixa etária”. (CONDESSA, 2011, p.70). Segundo a mesma autora na fase da adolescência os alunos passam a desenvolver um raciocínio social. A partir deste, os processos identitários individuais e coletivos passam a ser muito importantes na compreensão de seu “eu subjetivo”. O que interfere diretamente no processo de aprendizagem na escola, e na motivação para aprender, distanciando-se então da figura do professor extrapolando os limites da família.

3 METODOLOGIA

3.1 Abordagem da pesquisa

Esta pesquisa teve uma abordagem qualitativa, sendo que Oliveira considera esse tipo de abordagem “como sendo um processo de reflexão e análise da realidade através da utilização de métodos e técnicas para compreensão detalhada do objeto de estudo em seu contexto histórico e ou segundo sua estruturação.” (OLIVEIRA, 2008, p. 37). Esta abordagem “privilegia, essencialmente, a compreensão dos comportamentos a partir da perspectiva dos sujeitos da investigação” (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p.16), sendo possível promover a realização da pesquisa no ambiente natural do participante para “verificar os fenômenos nos quais está interessado, incidindo dados recolhidos nos comportamentos naturais das pessoas: conversar, visitar, observar, comer, etc.” (BOGDAN; BIKLEN, 1994 p.17).

A presente pesquisa que está buscando conhecer o valor e significado pessoal, ou seja, o envolvimento dos alunos, onde o pesquisador “tenta analisar os dados em toda a sua riqueza, respeitando, tanto quanto o possível, a forma em que estes foram registrados ou transcritos” (BOGDAN; BIKLEN, 1994 p.48). Pesquisas qualitativas têm seus dados analisados de forma indutiva não se preocupando em responder hipóteses prévias estabelecidas, mas sim encontrar respostas e significados nos dados recolhidos no campo. (BOGDAN; BIKLEN, 1994).

3.2 Técnica de coleta de dados

Os dados serão obtidos através de entrevista semiestruturada, sendo que neste tipo de entrevista se estabelece uma ordem de perguntas abertas que serão aplicadas ao entrevistado oralmente. Esta técnica possibilita acrescentar perguntas complementares, tais como o que? Por quê? Como? Pode dar um exemplo? Com o objetivo de obter esclarecimentos ou aprofundamentos do tema proposto (LAVILLE; DIONNE, 1999, p.188). A entrevista é “utilizada para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspectos do mundo” (BOGDAN; BIKLEN, 1994 p.134).

Para respondermos as questões da pesquisa elaboramos um roteiro de entrevista com dez perguntas que abrangiam três tópicos aplicados a três alunos previamente

selecionados, executada no ambiente natural dos participantes. O roteiro de entrevista encontra-se no Apêndice 1.

3.3 Critérios de seleção dos sujeitos

Devido ao caráter das perguntas e tendo em mente o objetivo geral desta pesquisa, optei por trabalhar com os alunos de faixa etária mais elevada. Fizemos esta opção na tentativa de conseguir maior aprofundamento, visto que nesta faixa poderemos encontrar alunos com certa vivência musical, com experiência prévia de repertório, maior senso crítico e maior maturidade intelectual e cognitiva. Também pretendi com alunos desta faixa a análise de suas participações a partir das intervenções e propostas do professor e a obtenção de respostas adequadas aos questionamentos que iremos submetê-los. Sem a preocupação com generalizações a presente pesquisa terá uma pequena abrangência, pois investigou somente três alunos de um total de 30.

Na expectativa de conseguirmos alunos de faixa etária mais elevada, selecionamos no projeto a turma que atendia alunos na faixa entre 10 a 12 anos, oriundos do 6º e 7º ano do ensino fundamental II, e para a obtenção de opinião diversa estabelecemos em três o número de participantes.

Para a presente pesquisa solicitei na turma quem se disporia a participar da entrevista. Foi assim que selecionei 03 alunos de 10 anos, sendo uma menina e dois meninos.

3.4 Procedimentos de coleta

No dia 14 de agosto de 2014 estive na escola a fim de dar início a minhas atividades de coleta de dados, fui recebido pela Joana, a diretora da escola, entreguei-lhe a carta de apresentação da faculdade (ver Anexo 2) e contei sobre meu desejo de realizar a pesquisa. Fui autorizado por ela e encaminhado à coordenadora do projeto, que deu o aval final.

No dia seguinte pela manhã tive a oportunidade conversar com a coordenadora. Obtive da mesma o detalhamento do funcionamento das oficinas de violão do projeto e fui informado que a escola contava com um professor de violão que atende a todas as turmas formadas por alunos de 07 a 12 anos.

Como já havia trabalhado com o professor do projeto e em minhas idas à escola pude observar e dialogar com um bom número de alunos, expliquei à

coordenadora meu desejo de realizar a pesquisa com alunos de faixa etária entre 10 e 12 anos. Fui informado por ela de uma turma nesta faixa que se destacava e que era atendida no período matutino. Essa era um grupo de alunos com que eu já havia tido este contato prévio e em razão disto solicitei que ela que lhes falasse da pesquisa e questionasse quais dentre eles se disporia a participar da entrevista.

No dia 29 de agosto retornei a escola com objetivo de realizar minhas entrevistas e recebi da coordenadora as cartas de cessão de direito devidamente assinada pelos responsáveis legais dos alunos que se dispuseram em participar da entrevista, sendo que nesse momento fui informado da falta de um dos alunos. A coordenadora liberou-me a biblioteca que se encontrava disponível e se responsabilizou por chamar os alunos. Cada entrevista foi realizada com os alunos separadamente, sendo gravadas em áudio e com uma duração média de 08 minutos.

No dia 02 de setembro retornei a escola e realizei a última entrevista com o aluno que havia faltado, entrevista esta também gravada em áudio, com a duração de quase 20 minutos, em uma sala usada para prática de dança no horário que antecedia ao recreio.

4 **ENVOLVIMENTO DOS ALUNOS COM A OFICINA DE VIOLÃO.**

O presente trabalho buscou conhecer o envolvimento dos alunos com a oficina de violão do Programa Mais Educação em uma escola regular de Ipatinga Minas Gerais. O conhecimento das necessidades, do desejo, ou motivo, ponto de partida de toda a aprendizagem justificam os pilares estabelecidos para o presente trabalho, uma vez que “os motivos constituem o aspecto dinâmico do processo educacional, representando um dos pré-requisitos básicos de toda aprendizagem formal.” (TOURINHO, 2002 p.12).

Com intuito de discorrer sobre tais motivos e as expectativas futuras a partir de então, foquei inicialmente nas experiências prévias que os alunos possuíam.

4.1 Experiências prévias dos alunos

Segundo Condessa (2011), as experiências prévias estabelecem a motivação inicial do aluno, podendo implicar em “benefícios ou prejuízos a uma nova situação de aprendizagem” (CONDESSA, 2011, p.21). Torna-se então relevante conhecermos tais experiências no intuito de podermos compreender suas possíveis contribuições na motivação e no envolvimento dos alunos do Programa Mais Educação.

O primeiro entrevistado Tales afirma que já tinha o interesse de estudar música antes de participar do projeto, me dando a impressão de acreditar que o estudo da música poderá ampliar suas chances de um futuro melhor quando afirma “- É ... tipo aprender mais do que... é só o ensino fundamental num... leva a gente a vida não né? (Tales, 2014). Esse aluno nunca teve aulas de música ou qualquer instrumento, mas foi precocemente incentivado pela mãe que ao perceber que o mesmo manipulava um violão de brinquedo ofereceu-lhe um instrumento verdadeiro. Isso foi expresso em sua fala “Daí eu... daí eu comecei a mexer no violão, daí foi lá ela falou assim: Tales, você quer um violão? Daí foi lá, ela, eu falei quero” (Tales,2014). Podemos deduzir daí a influência da mãe em sua motivação inicial, pois os pais são na formação do indivíduo sua primeira referência, inferindo autopercepções nas relações familiares, de modo que o filho possa autoperceber sua aprendizagem (Condessa 2011). Apesar deste fato, afirma que não tinha interesse específico em estudar violão antes da oficina e que manipulava o instrumento de forma aleatória.

Relatando suas experiências prévias Nora conta que tinha um avô que tocava um instrumento. Também relata que se interessou por música antes do projeto através de algumas aulas de violão. Essas aulas não tiveram continuidade, mas a aluna confirma

que foi a partir dessa primeira experiência que passou a ter interesse pelo estudo do violão. Essas experiências prévias podem ter influenciado, posteriormente, sua escolha em participar das oficinas do Programa Mais Educação.

Nas falas de Gil pode-se perceber que a influência por estudar música é em grande parte pela convivência com seus parentes. O menino relata que seu tio é grande facilitador de seu aprendizado no teclado, bem como seu primo músico ao tocar em sua presença. Gil é o único dos entrevistados que já teve a oportunidade de frequentar uma escola de música específica, onde obteve seu primeiro contato com o violão. Por motivo de mudança viu-se obrigado a interromper seu curso na fase inicial de aprendizado. Deu continuidade ao mesmo recorrendo a sites de cifra na internet, utilizando a mídia e a cultura musical componente dos sistemas socioculturais vigentes (Condessa, 2011) mantendo-se motivado e dando continuidade a seu desenvolvimento.

Os outros dois alunos, Nora e Gil, declaram terem sido influenciados por outros membros da família e aparentemente essas pessoas têm certo papel motivador na escolha dos alunos em estudar música. Condessa (2011) afirma que na maioria das pesquisas sobre motivação em música os pais são os principais agentes que promovem a motivação nos indivíduos, cabendo aos outros membros da família um papel secundário, fato não observado em sua pesquisa, onde os pais e os familiares são os principais agentes ambientais que contribuem na motivação do indivíduo (CONDESSA, 2011, p.64) e que também, respeitando as proporções de minha pesquisa, consigo perceber a partir das respostas dos alunos.

Analisando as declarações dos alunos pode-se perceber que todos demonstraram ter experiências positivas com a música a partir da influência dos parentes próximos, autodidatismo ou através de aulas de instrumento em escolas livres de música. Essas influências provavelmente os levaram a desenvolver interesse inicial em estudar música e posteriormente, escolher participar das aulas de violão no Programa Mais Educação. Isso vai ao encontro do que declara Vilela (2009) “se os estudantes optaram por realizar aulas de música, provavelmente tiveram, anteriormente, experiências positivas com essa área” (VILELA, 2009, p.86). A mesma autora destaca que experiências musicais positivas em seu ambiente familiar ou social, parentes ou amigos próximos que tocam um instrumento ou a percepção da capacidade de tocar um instrumento após uma experiência musical, levam muitos alunos a optarem pelo estudo da música.

4.2 Envolvimento com as práticas musicais dentro e fora da oficina e expectativas futuras:

4.2.1 *Envolvimento com as práticas musicais da oficina:*

Questionando os alunos sobre o que mais gostavam em sua vivência nas oficinas, recebi do Tales uma resposta curta, objetiva e direta: cantar. De igual forma Nora respondeu com convicção que tocar é o que mais gosta, sendo que mesmo tendo que cantar as músicas, seu foco ainda está no ato de tocar. Gil me respondeu que aprender música é o que mais gosta na oficina. A interação com os companheiros da turma não aparece espontaneamente na fala dos alunos, mas ao serem questionados destacam o valor destas relações interpessoais.

Com o repertório selecionado pelo professor e por vezes indicado pela direção da escola visando uma apresentação, os alunos estão em contato com músicas que não fazem parte de seu dia a dia e que provocam diferentes reações nos mesmos. Nora acha o repertório “meio chato”, com músicas atuais mais desconhecidas, com algumas músicas legais, aprendidas e absorvidas após os ensaios. Gil tem opinião contrária a da Nora, achando muito bem vinda a oportunidade de aprender músicas novas, sendo que essas passam a fazer parte do seu dia a dia, executando-as sempre que possível.

Os alunos em nenhum momento declaram que escolhem as músicas que irão tocar, mas mantém uma relação favorável com as mesmas. O fato de escolher ou não o repertório pareceu não afetar o interesse que os alunos declaram ter na oficina, dado esse que difere de outras pesquisas como a de Tourinho (2002). Nessa pesquisa, a autora mostra que o repertório do aluno pode ser um fator importante no interesse e na motivação dos alunos em estudar música.

É provável que a diferença de resultados encontrados seja resultante da idade dos entrevistados. Na pesquisa de Tourinho (2002), os sujeitos da pesquisa eram adolescentes e a faixa etária dos alunos do presente estudo está entre 10 e 11 anos. As pesquisas sobre motivação (Condessa, 2011; Vilela, 2009) mostram que a mesma é diferente dependendo da idade. Condessa (2011) afirma que as crianças que estão cursando séries iniciais têm no professor o referencial que os levam a sentirem-se aceitas e pertencentes a um grupo e que já no início da adolescência os alunos passam a partilhar suas experiências com os amigos e colegas. Como a presente pesquisa se deu com alunos na faixa de 10 anos, possivelmente resida aí a acolhida ao repertório apresentado pelo professor.

De acordo com Issicaba (2010), “o fazer musical num contexto coletivo é derivado da necessidade humana de se relacionar e de se comunicar. Nesse caso esta relação e comunicação tem a música como veículo” (Issicaba, 2010, p.10). Foi a partir desse ponto de vista que questionei os alunos sobre como encaravam o ensino coletivo. Tales tem uma relação ambígua com suas aulas em grupo. Ele declara que em certos momentos as conversas paralelas ou a massa sonora gerada impossibilita um ambiente favorável para concentrar-se. Mas também, para o menino, as aulas em grupo favorecem a troca de experiências, onde um ajuda o outro a se desenvolver. As declarações do aluno vão ao encontro do posicionamento de Santos (2008) que afirma que o ensino coletivo de instrumentos é uma modalidade de ensino onde é possível promover o desenvolvimento das habilidades musicais e técnicas através das relações de observação, imitação, interação e convívio com os demais companheiros de turma. Apesar de ver aspectos negativos no ensino coletivo, Tales prefere fazer aulas em grupo.

A Nora tem uma percepção positiva dessa modalidade de ensino, pois, segundo a aluna, um colega pode colaborar com o outro. A aluna declara que se tivesse oportunidade faria aulas individuais para ter a atenção exclusiva do professor. Dessa forma ela sanaria suas dúvidas imediatamente e também não passaria vergonha quando errasse diante da turma. Mesmo fazendo essas considerações, a menina tem por preferência as aulas coletivas.

Gil também gosta das aulas em grupo e traz a mesma percepção apresentada por seus colegas. Gil afirma também gosta da massa sonora produzida no ensino coletivo, mas que gostaria fazer aulas individuais para poder ter a atenção especial de um professor, podendo assim aprender muito mais. Há um destaque na fala dos dois últimos entrevistados, com relação a preferir as aulas coletivas na atual conjuntura, com a ressalva de poderem ter aulas individualizadas.

Segundo Issicaba (2010) há certa divergência quanto à aplicação e eficácia do ensino coletivo nos diferentes níveis do aprendizado de um instrumento. Alguns autores defendem que o ensino coletivo deve ser implementado apenas com os alunos iniciantes, sendo que outros autores afirmam que é possível utilizar essa modalidade também em outros níveis. É interessante observar que dois dos alunos entrevistados declaram que se tivessem aulas individuais algumas dificuldades poderiam ser eliminadas. Essa percepção dos alunos mostra que a heterogeneidade é uma questão fundamental a ser tratado no ensino coletivo, pois podem existir alunos dentro de uma

turma que não estão realizando atividades adequadas ao seu nível desenvolvimento ou, ainda, tendo todas as suas dúvidas sanadas.

Com relação às percepções dos alunos sobre a oficina, Nora declara que o prazer de tocar violão e a possibilidade de aprender mais esse instrumento é para ela um fator importante na oficina de violão. Segundo a aluna “É, melhor, é que a gente aprende mais! (...) É e também que eu gosto” (Nora, 2014).

Gil, afirma que “(...) eu gosto de violão, (...) eu aprendo mais muito e... eu aprendo muito mais do que do que antes eu... eu aprendia nas aulas” (Gil, 2014). O aluno parece acreditar que o fato de estudar violão pode colaborar com uma melhora de sua aprendizagem nas disciplinas curriculares. O aluno também declara que o trabalho na oficina trouxe a ele mais concentração e paciência, além de melhorar também o relacionamento com seus companheiros. Além desses fatos, o aluno acrescenta que o ato de executar o violão lhe proporcionou resistência na mão, ajudando-o na escrita conforme expresso em sua fala “(...) quando que eu vou tocar violão, esse dedo meu aqui ó eu não (...) dava câimbra quando eu ficava escrevendo na escola, ai quando que eu comecei a mexer com... tentando dar nota...”. Conclui dizendo ser a oficina de violão “Muito bom, eu aprendo muitas coisas e é alguma coisa na minha vida” (Gil, 2014).

Percebemos que estas são afirmações de alunos que dão importância à oficina, tendo prazer e interesse nas atividades ali estabelecidas. Pizzato; Hentschke (2010) afirmam que ao considerarem uma atividade musical como importante e interessante os alunos apresentam uma tendência em manterem-se ativos e participativos nesta atividade, diferente dos que atribuem pouco ou nenhum valor a música que tendem a abandona-la.

4.2.2 *Envolvimento com as práticas musicais fora da oficina e expectativas futuras:*

Além das oficinas que acontecem no contexto escolar, o lar é o único ambiente externo onde os três alunos dão continuidade a suas práticas musicais. Tales é o único aluno que possui o violão em casa e afirma que treina continuamente o instrumento, dedicando um bom tempo do seu dia para isso. Nora e Gil não possuem o violão para treinar, mas nem por isso deixam de buscar meios para seu desenvolvimento musical. Aproveitando de uma flauta que foi disponibilizada pela professora de outro projeto da escola os dois outros alunos treinam em casa as melodias das músicas que são trabalhadas na oficina de violão.

Em suas falas, os alunos reconhecem o desenvolvimento musical que estão tendo, pois Nora afirma que “O professor gosta quando eu toco, eu o Gil...” (Nora, 2014). Gil também parece perceber seus avanços, pois declara que “(...) Tô é tocando um pouquinho mais do que eles, mas tem muita gente tocando igual a mim” (Gil, 2014). Essas falas mostram também uma valorização positiva da tarefa pelo bom desempenho e sucesso que estão obtendo nestas atividades, o que consequentemente gera, da parte dos alunos, um investimento de tempo e esforço (CONDESSA, 2011, p.27).

Maciel (2009) explanando sobre motivação intrínseca e extrínseca relata que uma pessoa intrinsecamente motivada se envolve de forma autônoma com uma atividade pelo simples prazer de realizá-la, sendo essa realização recompensante e satisfatória. Quando os alunos dependem de recompensas externas, como pagamento monetário, notas ou prêmio estão sendo extrinsecamente motivados. Através das respostas obtidas podemos perceber que os alunos buscam espontaneamente realizar as atividades musicais, sem nenhuma pressão ou controle, pagamento ou recompensa, nos levando a cogitar que possivelmente os três alunos estão intrinsecamente motivados. Outras pesquisas necessitariam ser realizadas a fim de averiguar qual é o tipo de motivação que os alunos têm com a atividade que realizam.

A satisfação em executar um instrumento, o interesse próprio, influências do professor ou família foram os fatores levantados por Condessa (2011) para explicar as razões de continuidade dos estudos musicais. Questionando os alunos sobre suas expectativas para o futuro, Tales declara que pretende seguir na área musical “tocando em banda, porque meu sonho é entrar numa banda, fazer alguma coisa, tipo cantar” (Tales, 2014). O aluno também expressa o desejo de continuar tocando violão quando sair da oficina.

Quando questionada sobre seus planos, Nora afirma que pretende continuar a tocar violão, pois gosta do instrumento. Segundo a menina, “(...) é, mais só que meu sonho não é ser professora de violão! (...) Sei lá, depende quando eu crescer né?” (Nora, 2014), sem nenhuma pretensão específica ainda.

Gil deixa transparecer que no futuro pretende continuar tocando violão compondo e tirando músicas de ouvido. Deixa claro também que se aparecer oportunidade pode seguir carreira como músico, executando não só o violão, bem como flauta, teclado ou outro instrumento que venha a aprender.

Condessa (2011) afirma que “a partir das situações de aprendizagem que vivencia e dos resultados que obtém, o aluno direcionará suas metas com a música para

o futuro” (CONDESSA, 2011, p.29). Como os alunos expressam expectativas futuras com a música, é possível que isso esteja sendo impulsionado, entre os outros fatores, por suas experiências e percepções positivas na oficina de violão.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS:

O envolvimento dos alunos com a oficina de violão do Programa Mais Educação constituiu o foco deste trabalho, norteando a pesquisa e toda a revisão bibliográfica que fiz a fim de responder as indagações surgidas no decorrer deste processo. Ao final dessa árdua tarefa, pude chegar a importantes conclusões que poderão contribuir para as práticas de ensino e aprendizagem musical em contexto semelhante ao pesquisado. As experiências prévias foram de extrema importância para que os alunos entrevistados mantivessem uma relação profícua dentro da oficina. A partir da influência dos pais e parentes próximos os alunos tiveram experiências positivas com a música, sendo provavelmente estas que os levaram a desenvolver o interesse inicial em estudar música. Esse ainda pode ser um aspecto importante a ser considerado pelos professores quando um aluno dá início a seus estudos de música.

Nas entrevistas com os alunos constatamos que os mesmos não demonstravam priorizar o grupo. A interação que é muito valorizado na adolescência não aparece na fala dos alunos. Também pude perceber que o repertório apresentado aos alunos é bem aceito, de forma que não foi possível constatar sua interferência na motivação dos mesmos. Os alunos realizam as atividades com prazer e entusiasmo, demonstrando claro interesse na oficina, sendo possível compreender a partir de então o porquê do envolvimento dos alunos.

Os alunos demonstram preferir as aulas coletivas na atual conjuntura, pois percebem vantagens no aprendizado advindas destas relações, mas o desejo de no futuro poderem ter aulas individualizadas, para o atendimento exclusivo e imediato de demandas que iram surgir em estágios mais avançados de aprendizagem.

Os alunos possivelmente possuem uma motivação intrínseca, pois o fato de procurarem uma forma de praticarem as músicas aponta para esta direção. Tal motivação provavelmente se deve a situação específica vivida por estes alunos, que tiveram um contato musical anterior à oficina, recebendo influência positiva dos parentes. Os alunos deixam claro a intenção de no futuro continuarem seus estudos e práticas musicais, isso revela que os mesmos tiveram experiências positivas com a música nas oficinas. As oficinas de música do projeto Mais Educação constituem um sistema informal de ensino aprendizagem, que não substitui o ensino formal da música na escola regular dentro dos parâmetros estabelecidos na lei 11.769. Agora mesmo não atendendo plenamente as exigências da referida lei, suas práticas geraram experiências

positiva com a musica, justificando portanto sua manutenção nas escolas que ainda não conseguiram implementar o ensino da música nos moldes da lei.

A efetiva adoção da música na escola formal é anseio de muitos, mas como afirma Santana (2012) “as escolas não conseguem qualificar o ensino das linguagens artísticas nem cumprem as exigências postas pela letra da lei” (SANTANA, 2012, p. 98), enquanto os pesquisadores da área e os governantes buscam soluções para tão intrincada situação, enxergo no projeto uma ação viável para o seu estabelecimento neste primeiro momento.

Como a presente pesquisa identificou fatores que contribuíram para a motivação dos alunos e seu envolvimento, poderá contribuir nas ações pedagógicas de futuros educadores musicais em contextos de ensino e aprendizagem coletiva.

Faz-se necessário pesquisas futuras a fim de se verificar de forma aprofundada a real contribuição dos oficinairos, profissionais que possuem experiência prática na área de atuação, sem a formação acadêmica específica que tem oportunizado a realização do projeto Mais Educação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ARANTES, L. F. Mulheres Fazendo Música: A Aprendizagem Musical Por Meio Do Violão Em Grupo. **OUIR OU VER- Revista do programa de pós-graduação em artes UFU**. n.02, 2006, p. 183 a 195.

BARBOSA, J. L. Considerando a viabilidade de inserir música instrumental no ensino de primeiro grau. **Revista da ABEM**, n.03, p. 39-50, 1996.

BOGDAN, R. C; BIKLEN, S. K. *Investigação qualitativa em educação: Uma introdução a Teoria e aos Métodos*. Portugal: Porto Editora, 1994.

BRASIL. Decreto-lei nº 7.083 de 27 de Janeiro de 2010. **Presidência da República**, Casa Civil, disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/decreto/d7083.htm>.

Acessado em: 10/05/2014

BRASIL. Lei nº 11.759 de 18 de Agosto de 2008. **Presidência da República**, Casa Civil, disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111769.htm>.

Acessado em: 10/05/2014

CERQUEIRA, D. L.; ÁVILA, G. A. Arranjo no Ensino Coletivo da Performance Musical: experiência com Violão em grupo na cidade de São Luís/MA. In: X Encontro Regional Nordeste da ABEM, 2011, Recife. **Anais...** Recife: 2011. p. 83-91

CONDESSA, J. **A Motivação dos alunos para continuar seus estudos em música**. 2011. 109f. Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

ISSICABA, I. Contribuições da prática coletiva de violões para o aprendizado do violonista 2010. 49f. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em música - Violão) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis. 2010.

LAVILLE, C; DIONNE, J. *A construção do saber: Manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: Editora UFMG 1999.

MACIEL, D. A. Processos Motivacionais e Inclusão Escolar: contribuições à formação do professor de Artes. In: **Universidade Aberta do Brasil- UAB/UnB Artes visuais Música e Teatro**. Brasília: UnB, 2009. P. 395-414.

MOURA, R. J. A. Ensino Coletivo de violão: Possibilidades para a aprendizagem colaborativa e cooperativa em EAD. **Revista RENOTE novas tecnologias na educação**. V.7, n 2, p 01-11, 2009.

PENNA, M. Apre(en)dendo música: na vida e na escola. Revista da Abem, Porto Alegre, n.9, p. 71-79, 2003.

PIRES, N.; DALBEN, A. I. L. F. Música nas escolas de educação básica: o estado da arte na produção da Revista da Abem (1992-2011). *Revista da ABEM*. Londrina. v.21, n.30, p. 103-118. jan.- jun. 2013

PIZZATO, Miriam Suzana; HENTSCHEKE, Liane. Motivação para aprender música na escola. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, n. 23, 40-47, mar. 2010.

RODRIGUES, F. M. **Tocar Violão: Um estudo qualitativo sobre os processos de aprendizagem dos participantes do Projeto Arena da Cultura**. 2007.117f. Dissertação (mestrado em música) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

SANTIAGO, D. As “oficinas de piano em grupo” da escola de música da Universidade Federal da Bahia. **Revista da ABEM**, n.02, p. 74-81, 1995.

SANTOS, C. P. Ensino Coletivo e Formação de Grupos instrumentais: Propostas para o ensino-aprendizagem do violão no Instituto de Música Waldemar de Almeida-Natal/RN. In: XVII ENCONTRO NACIONAL DA ABEM, 2008, São Paulo. **Anais...** São Paulo, 2008. p. 01-07.

SILVA, A. N. C. O ensino da música no contexto da educação básica In: II SIMPOM - SIMPÓSIO BRASILEIRO DE PÓS-GRADUANDOS EM MÚSICA, 2012, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: 2012. p. 269-278

TEIXEIRA, M. S. B. ENSINO COLETIVO DE VIOLÃO: Diferentes Escritas no aprendizado de iniciantes. 2008. 40f. Monografia (Licenciatura plena em artes - habilitação em música) - Universidade Federal do estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2008.

TOURINHO, A. C. G. S. **A motivação e o desempenho escolar na aula de Violão em grupo: Influência do repertório de interesse do aluno.** 2002. 115f. Dissertação (mestrado em educação musical) Programa em pós-graduação em música universidade federal da Bahia, Salvador, 2002.

VILELA, C. Z. **Motivação para aprender música: O valor atribuído à aula de música no currículo escolar em diferentes contextos.** 2009.119f. Dissertação (Mestrado em música) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

ANEXO (S):**ANEXO 1 – CARTAS DE CESSÃO****CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS SOBRE ENTREVISTAS E
DEPOIMENTOS, IMAGENS E ÁUDIO**

Eu, _____, RG
_____, responsável pelo
menor _____
declaro para os devidos fins que cedo os direitos sobre a entrevista realizada
em ____/____/____ para o pesquisador _____, RG
_____, matrícula
_____ estudante do curso de Licenciatura em Música a
Distância da Universidade de Brasília (UnB). Essa entrevista é parte da coleta
de dados da pesquisa intitulada _____,
cujo objetivo geral é _____.

Cedo os direitos da participação do menor _____
nesse trabalho, sendo essa de caráter voluntário e não remunerado. Estou
ciente de que os dados poderão ser utilizados integralmente ou em partes, sem
condições restritivas de prazos ou citações, a partir dessa data, para
divulgação dos resultados da pesquisa em publicações e/ou eventos
acadêmicos e científicos. Essas informações ficarão sobre o controle e a cargo
do pesquisador e professor orientador _____.

Fui informado também que essa entrevista foi gravada em áudio e/ou vídeo e
que o material foi registrado com fins científicos. Esses dados serão
posteriormente transcritos e analisados, sendo que o vídeo e/ou áudio não será
utilizado na divulgação dos resultados da pesquisa ou em nenhuma outra
situação.

Em relação ao uso de citações, autorizo explicitar a identidade de
_____ de acordo com uma das
opções escolhidas por mim entre as abaixo indicadas (assinaladas com X),
desde que sejam seguidos os princípios éticos da pesquisa acadêmico-
científica.

<input type="checkbox"/>	Identidade utilizando nome e sobrenome
<input type="checkbox"/>	Identidade utilizando apenas o primeiro nome
<input type="checkbox"/>	Identidade preservada utilizando nome fictício escolhido por mim
<input type="checkbox"/>	Outra indicada por mim


Em caso de qualquer outro esclarecimento, estou ciente que o pesquisador fica a disposição, podendo ser contatado pelo email

_____, telefone
_____ ou através do contato com a
professora supervisora da disciplina, Profa. Cassiana Zamith Vilela pelo email
(cassianazamith@gmail.com).

Sem mais, informo ter ficado de posse de uma cópia desse documento.

Assinatura do Responsável Legal

ANEXO 2 – CARTA DE APRESENTAÇÃO



UnB
 Universidade de Brasília – UnB
 Instituto de Artes – IDA
 Departamento de Música
 Curso de Licenciatura em Música a Distância

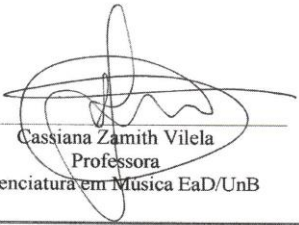
Brasília, 11 de agosto de 2014.

À direção/coordenação da _____

Eu, Profa. Cassiana Zamith Vilela, professora supervisora da disciplina de TCC (Trabalho de Conclusão de Curso), matrícula 01065840, juntamente com o Coordenador do Curso de Licenciatura em Música à Distância da UnB, Prof. Paulo Marins, matrícula 1044800, gostaríamos de apresentar o aluno _____, matrícula _____, atualmente cursando a disciplina acima referida.

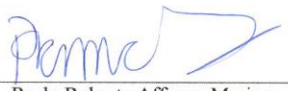
Como parte das atividades dessa disciplina, o aluno está desenvolvendo a pesquisa _____ intitulada _____

cujo	objetivo	geral	é
<p>Para o desenvolvimento desse trabalho, o aluno necessita entrar em contato com essa instituição e integrantes da mesma para coleta de dados. Para tanto, o aluno poderá entrevistar e/ou aplicar questionários com alunos e/ou professores que possam trazer dados para responder ao objetivo delimitado. Da mesma forma, será necessário que o mesmo tenha acesso ao ambiente da escola, onde realizará esses procedimentos.</p> <p>Os participantes da pesquisa assinarão um consentimento informado, por meio do qual se declararão cientes do objetivo da pesquisa, coleta de dados e resguardo de seu anonimato na apresentação do relatório de pesquisa. Os dados poderão ser gravados em vídeo e/ou áudio, sendo que os participantes também devem concordar e estar cientes desse procedimento, através da assinatura de uma autorização de uso de imagem e som para fins de pesquisa acadêmica.</p> <p>Os dados do trabalho de campo após, devida análise, farão parte de um artigo, sendo essa parte requerida para a aprovação na disciplina. Esse trabalho está sendo orientado por um professor orientador, devidamente capacitado para essa função e também sendo acompanhado pela professora supervisora da disciplina. Todos os envolvidos nesse trabalho se comprometem a observar a ética de pesquisa, bem como resguardar a identidade da instituição e dos participantes envolvidos.</p> <p>Desde já agradecemos a atenção e colocamo-nos à disposição para quaisquer esclarecimentos.</p>			



Cassiana Zamith Vilela
Professora
Licenciatura em Música EaD/UnB

Atenciosamente,



Paulo Roberto Affonso Marins
Coordenador
Licenciatura em Música EaD/UnB

APÊNDICE 1 – GUIA DE ENTREVISTA

Experiências prévias:

- Você tinha o interesse de estudar música antes do projeto?
- E pelo Violão, já havia se interessado também?
- Antes do projeto você já havia tido alguma experiência com a música?

Vivências dentro da oficina:

- Fale o que mais lhe agrada na oficina de violão.
- O que você acha do repertório aprendido nas aulas de Violão? Esse repertório faz parte do que você escuta no dia-a-dia?
- Vocês tem o instrumento para treinar em casa ou treinam apenas nos períodos das oficinas? Caso positivo, quando e porque adquiriu?
- Você pratica seu instrumento, estuda ou toca em outros ambientes fora da escola?
- Para você é importante fazer estas aulas de violão? Por quê?
- O que você acha de suas aulas serem em grupo? Se tivesse a oportunidade faria aulas individuais? Por quê?

Expectativas e planos futuros:

- Você pretende Continuar a tocar violão?
- De que forma?
- Por quê?